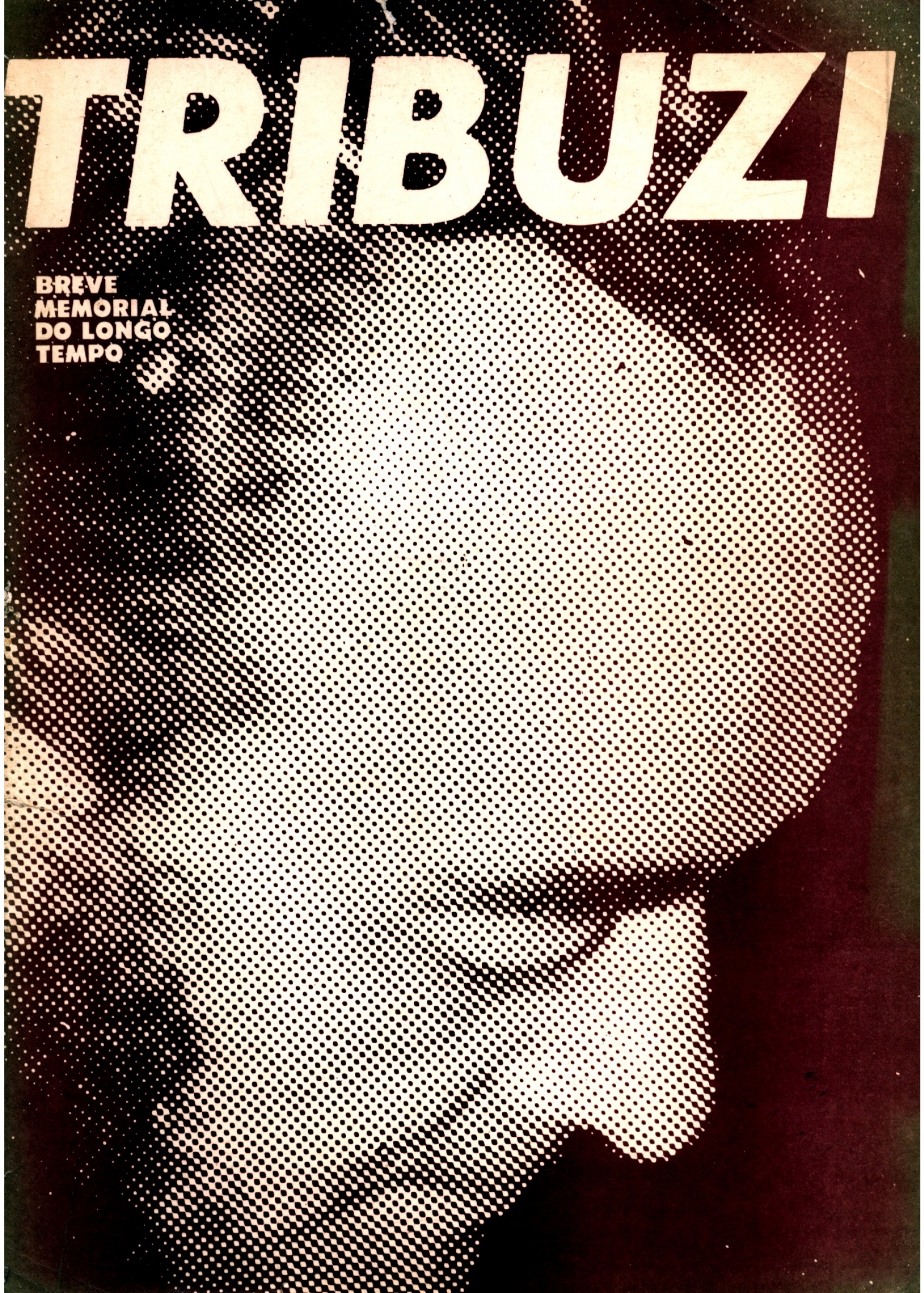


# TRIBUZI

BREVE  
MEMORIAL  
DO LONGO  
TEMPO



# **breve memorial do longo tempo**

**bandeira tribuzi \_\_ são luis \_\_  
mcmclxxvii**

Dezoito mil dias e noites não são tarefa suave para o menino que veio ao mundo nesta bela cidade de São Luis para tontear seus olhos de sol tropical e salgar seu tempero humano no mar que invade a Ilha. Por isso, quando os completo, pouco mais tenho para oferecer aos conivias desta humana aventura do que este "breve memorial de um longo tempo", testemunho do homem lutando para ser fiel a si e a seus irmãos. O poema quero, pois, que seja uma taça imponderável de testemunho, solidariedade, e convite à meditação do compromisso que a todos nos justifique de estarmos vivos. E ainda, sob a angústia, o brotar de esperanças que a vida alimentam.

Do alto da ladeira do seu tempo vivido, o menino que resistiu a tudo vos assegura:

- Amanhecemos a existência!



**Mãe, olha o limão nos meus olhos  
que eu quero ver.**

**Não acarinde meu choro  
desatado de recém-nascido:  
preciso me acostumar  
ao grande requiem da vida.**

**Há cinquenta anos estou  
nascendo e hoje  
antes que a morte me proíba  
de recenascer as manhãs,  
quero ver a chorar outra vez  
pela primeira vez e sentir o gosto  
da vida, pela outra primeira vez,  
como um doce leite materno  
e outra primeira vez  
escutar as palavras e aprende-las,  
os gestos e copiá-los,  
ser coberto pelo manto da ternura  
e manipulado pelas mãos da ciência  
para que viva.**

**E viva para que seja um Homem,  
e seja um Homem para que sofra e saiba,  
e sofra e saiba para que pense  
e pense para que multiplique  
em mim a vida humana.**

**Agora que já foi protegido  
o indefeso, que ninguém cuide  
excessivamente dele. Deixai que a vida**

**se encarregue disso. Soltai-o que já anda  
e pois saberá (deverá) achar  
o (s) caminho (s) com e sem volta,  
as avenidas e os becos do ser,  
a vereda da noite que amanhece  
e o atalho da manhã que anoitece.**

**Deixai que aprenda o gesto irmão  
e o palavrão,  
o carinho  
e o grito,  
a dádiva  
e a recusa,  
o uso da faca  
e o como se lhe escapa,  
a ótima intenção  
e a contrafação,  
a ternura da mão  
e a espessa paixão,  
o sim e o não.**

**Não, isso não é ontem nostálgico:**

**é o ser revisitado**

**em sua origem.**

**É o ser reeditado**

**à procura**

**de si, também procura**

**do mistério que o cerca.**

**Reandar o caminho**

**para medir na própria caminhada**

**a viagem geral:**

**não o mundo na dimensão pessoal**

**— micromundo — mas minha dimensão**

**no vastomundo.**

**Fazer de mim apenas ponto**

**de onde ver, viver, teimando**

**em acertar as batidas**

**do grande coração universal**

**com meu atropelado coração**

**de angústias próprias e alheias.**

**Renascer para medir.  
Medir-me no mundo,  
fazer-me dele  
para que seja meu  
e o meça e meça-me  
multiplicado.**

.....

**Reviver, reser:  
reandar, reaprender,  
reamar, redesamar,  
resofrer, recantar,  
rever, ressonhar,  
recompreender,  
reesquecer,  
relembrar.**

**De passo a passo  
no compasso  
do passo menino:  
dar novamente a mão a quem ensina o passo,  
reouvir quem ensina a música palavra,  
refazer gestos espelho de gestos.  
Reinventar a vida.**

**O primeiro amor infinito  
no b...a...ba da carne alva  
da doce normalista  
que sentava no colo  
o menino que fui, no calor  
de cujos seios aprendi  
outro sentido à carne feminina.  
Ó aulas lentas passando tão rápido  
na sala do sobrado. Ó tardes  
bemfazejas de inverno porque retinheis  
o inofensivo amante  
junto daquele corpo em que os verbos  
da carne estavam todos conjugados.  
Ó saudade de meu ser adjetivo  
junto da mestra substantiva  
que sabia tão bem colocar os pronomes  
como valer-se do meu corpo infantil  
para amornar os seus desejos.**

**Ó mestra iniciadora de minha filosofia,  
a somar o saber com o bem,  
ternura e gramática,  
a plantar no infância que hoje faz 50 anos  
estes vícios que sempre te homenageariam:  
ler e amar.**

.....

**Vi-te, afinal, tanto tempo passado,  
outro dia na rua: cabelos  
brancos \_\_ vovó virgem \_\_  
o mesmo porte de antigamente,  
as pernas ainda belas,  
os seios ainda levantados,  
serena, a pisar o chão de nossa multidão  
e dos teus isolamentos.**

**Por que não me colocas  
novamente em teu colo  
e ensinas teu consolo  
às minhas discordâncias**

**como fazias quando  
eu errava orações?  
Por que, com teus perdões  
e teu sorriso brando  
não me ensinas respostas  
às interrogações?  
Não dás ponto final  
às minhas aflições?  
Por que não me sufocas  
o choro que não choro  
com a ternura que evocas  
colhendo-me em teu colo?**

.....

**Ô que saudade  
de palmeiras e pássaros  
da viagem no trem lento e difícil,  
do bonde a burro,  
da balsa sobre o rio  
e do leite mugido  
e da jiboia flutuando  
com o boi apresado,  
do roteiro, a cavalo, pra fazenda  
e da surpresa  
dos corpos femininos nus no rio  
(alguma coisa em mim vibrando sinos  
pela adivinhação de futuros delírios!)  
e a tepidez das águas sob a sombra  
de árvores generosas;  
e as tardes dos primos no balanço  
das rangentes redes.**

**Que saudade do tempo e mundo inocentes  
em contraste distante  
com a civilização das máquinas da morte;  
que liberdade junto à natureza  
enquanto a Liberdade**

**dos códigos, dilacerada  
pelas bombas, explode  
nas Espanhas de ontem  
e Vietnãs de agora.**

**Da janela alta do sobradinho  
da rua do Passeio  
onde todas as tardes via passar,  
menino, minha adolescente namorada  
em cujo sorriso vespertino  
construí os mais belos casos de amor,  
vi, também, certa madrugada,  
na hora do padeiro e do leiteiro,  
o apressado e tenso  
rumor de soldados em Revolução. Era 32.  
Mas não houve um tiro. A luta era longe.  
De tarde já a mesma paz:  
Batalhão Federal e Polícia Militar descobriram**

**que lutavam do mesmo lado. Pouparam-se tiros  
e vidas. Guerra mesmo  
houve, nesse ano, de confetis e serpentinas  
e lança-perfumes que quase me afogam  
no deslumbrante corso.**

**Ô carnavais de então!  
quando Carolina  
você era o meu amor  
mas agora moreninha  
a taça é tua,  
e ricos brancos pobres negros  
se batucam libertos  
por tres dias  
em suas fantasias  
nos blocos e nos clubes e nas ruas.**

**Adeus. Lá vou  
para o exílio português  
navegando pelo patriotismo de meu pai  
que desconfia das letras brasileiras  
e gostaria que todos os filhos  
nascidos no Brasil fossem bons portugueses  
até no sotaque com que ele resistia  
aos seus sessenta anos brasileiros.**

**Lá vou nesta Nau Catarineta inglesa,  
moderna e confortável, de potentes motores**

**mas que em mim não foge às velas  
com a cruz de cristo em sangue  
de minha navegação inventada:  
eu, pirata e descobridor.  
Lá vou, maternamente protegido,  
para as aulas rurais  
e o esguio e sábio mestre  
e as frutas nos quintais  
e o gato angorá nas tardes preguiçosas  
e macias de um tempo  
em que eu não entendia  
porque os meninos tão iguais na escola  
tinham fora da escola destinos tão diversos.**

**(Depois, tantos anos mais tarde,  
entendi. Sobretudo quando encontrei  
Antônia, que fora minha ama-menina,  
como puta em Coimbra...)**

**Onde estão? Onde estão os amigos  
plantados no caminho viajado?  
De uns sei, de outros jamais.  
Dos que sei: como nos disparatou a vida,  
a nós, tão iguais na aula e na bola.  
Alguns levou a morte, outros a sorte,  
e tantos do que eram se perderam...**

**Adeus. Lá vou  
para o exílio português  
navegando pelo patriotismo de meu pai  
que desconfia das letras brasileiras  
e gostaria que todos os filhos  
nascidos no Brasil fossem bons portugueses  
até no sotaque com que ele resistia  
aos seus sessenta anos brasileiros.**

**Lá vou nesta Nau Catarineta inglesa,  
moderna e confortável, de potentes motores**

**mas que em mim não foge às velas  
com a cruz de cristo em sangue  
de minha navegação inventada:  
eu, pirata e descobridor.**

**Lá vou, maternamente protegido,  
para as aulas rurais  
e o esguio e sábio mestre  
e as frutas nos quintais  
e o gato angorá nas tardes preguiçosas  
e macias de um tempo  
em que eu não entendia  
porque os meninos tão iguais na escola  
tinham fora da escola destinos tão diversos.**

**(Depois, tantos anos mais tarde,  
entendi. Sobretudo quando encontrei  
Antônia, que fora minha ama-menina,  
como puta em Coimbra...)**

**Onde estão? Onde estão os amigos  
plantados no caminho viajado?  
De uns sei, de outros jamais.  
Dos que sei: como nos disparatou a vida,  
a nós, tão iguais na aula e na bola.  
Alguns levou a morte, outros a sorte,  
e tantos do que eram se perderam...**

**Meu bom aprendizado lusitano  
além exílio conventual:  
o longo e próximo convívio  
com as coisas naturais:  
campos, a faina dos plantios,  
o cantochão das mulheres na tarde**

**(“O meu coração  
é de pedra dura,  
é como a laranja  
quando está madura”)**

**os pés esmagando o vinho no lagar,  
a lagoa ajoelhada aos pés do povoado  
e a passagem da leitura ao sonho  
na solidão dos pinheirais  
com os quatro Fernando Pessoa  
por infinitos companheiros.**

**E os torresmos, o vinho, a<sup>4</sup> trigamilha,  
o gesto de podar, de amanhar os cultivos,  
de conversar com as macieiras  
e maldizer pragas da couve,  
e o grande tronco, os braços invencíveis**

**do avô lavrador-lenhador,  
analfabeto e sábio,  
cheio de saber de vida  
junto ao qual como nunca mais  
conheci minhas raízes  
e o mistério dos laços  
da descendência. Que bom calor, avô,  
o da tua lareira em pedra e barro  
sujos de fumaça  
a crepitar de densa humanidade  
contra a neve no corpo e na alma;  
que máscula ternura  
em tuas poucas densas palavras  
que ecoam até hoje  
pelas furnas dos meus graves silêncios.**

**E fazia verão e havia frutos.**

**(Os frutos ainda há. E o paladar?)**

**E havia canções pelas colheitas  
e coração maduro pra cantar**

**e as ingênuas intrigas das aldeias  
tecidas com amor sob o luar  
e pão suficiente no celeiro  
e vinho nos tonéis a fermentar**

**calor humano e humanas energias  
para aquecer o áspero inverno.**

**E nessa doce paz iam-se os dias  
fazendo anos e era um tempo eterno.**

**(Minhas pequenas mãos sabedorias  
pequenas transcreviam no caderno.)**

**Ó meu deus que mundo difícil,  
que lição árdua para meus  
oito anos de então, cinquenta de hoje,  
aprendendo a ler o mundo  
em títulos de morte nos jornais,  
nas revistas onde floresce  
em lugar do perfil da natureza  
a rosa das granadas.**

**Como entender o cristo do catecismo  
e o enredo da solidariedade,  
lendo e vendo os homens  
revestidos de garras mortíferas  
se estraçalhando como feras?**

**E o terror daquela voz histérica  
a uivar deutschland  
no mesmo maravilhoso microfone blaupunkt  
em que ressoavam adormecedoras  
as mais ternas e suaves melodias?**

**Como aprender essa confusa  
lição de fantásticas descobertas  
para salvar a vida humana  
que nos campos da morte  
estava sendo, sabiamente,  
convertida em gordura  
para fins industriais?**

**Como entender arranha-céus  
se aproximando às nuvens**

**e o coquetel de caviars  
e os rollroyce de ouro  
quando o bairro vizinho  
vegeta sobre a lama  
e come os excrementos  
de sua própria fome?**

**Que confusa lição para meus oito  
anos de então, cinquenta de hoje!**

**E o terror daquela voz histérica  
a uivar deutschland  
no mesmo maravilhoso microfone blaupunkt  
em que ressoavam adormecedoras  
as mais ternas e suaves melodias?**

**Como aprender essa confusa  
lição de fantásticas descobertas  
para salvar a vida humana  
que nos campos da morte  
estava sendo, sabiamente,  
convertida em gordura  
para fins industriais?**

**Como entender arranha-céus  
se aproximando às nuvens**

**e o coquetel de caviars  
e os rollroyce de ouro  
quando o bairro vizinho  
vegeta sobre a lama  
e come os escrementos  
de sua própria fome?**

**Que confusa lição para meus oito  
anos de então, cinquenta de hoje!**

**E as classes conscritas, os avós  
e seus netos nos mesmos uniformes,  
todos no mesmo passo das batalhas  
treinados para o mesmo morticínio  
e os gênios convocados  
para inventar mais morte,  
e a morte a galope no horizonte.**

**E a vida, o amor,  
a esperança?**

**E botas, bombas, massacres,  
racionamento, sangue nas manchetes,  
nações estraçalhadas e humilhadas,  
e o estupor da ameaça  
do terrível milênio,  
e os fuzilados e os maquis  
e as resistências.**

**E a Esperança!**

**Tio Carlitos em ensine o paladar  
do enfiador de sapatos  
— macarrão dos miseráveis —  
para que eu possa  
ser solidário com todas as fomes;  
me ensine a resistir  
ao uso generalizado dos homens  
como peças da grande engrenagem;  
me ensine com seu passo espalhado,  
sua bengala inagressiva,  
sua ridícula cartola  
a quente solidariedade  
aos miseráveis e sofridos.**



— Urgente: enquanto é tempo  
me inclua na sua lista de Carlitos  
pois já rufam tambores, já estrugem  
os clarins do anti-homem,  
já legiões com águias suásticas  
levantam joelhos e reboam grossas  
botas esmagadoras  
sobre a indefesa Europa,  
as Áfricas e Ásias;  
já aves de rapina e de metal  
rosnam e grasnam em todos os céus  
ensurdecendo o azul  
com seu rumor de morte;  
já a Inquisição Nova sacrifica  
milhões na cruz da câmara de gás.

Que aprender? Nessa teia de aranha  
como saber se é noite ou dia,  
o direito e o avesso,  
a cara e a coroa?  
Só retornando sempre  
à sábia inocência da infância  
para rever, reentender, redicidir,  
rejulgar  
já que não é possível

**reentrar  
no paraíso intra-uterino  
para viver sem sofrer (ser).**

**È preciso alimentar o coração  
a que só servem náusea  
de um sangue incorruptível  
e fundi-lo em diamante  
para que não se parta ou se dissolva  
entre ácidos de angústia  
e de revolta.**

**O órgão estava então gemendo  
as dores do mundo  
e o incenso  
enchia a nave da catedral  
do perfume asfixiante  
dos tedeuns e diesirae,  
o céu e o pecado vizinhos  
no aprendiz dos caminhos de deus;  
F  
no aprendiz dos caminhos de deus;  
o exilado, triste nas imaginações  
e lembranças,  
a desaprender o Deus do catecismo  
nas razões da filosofia;  
o exilado  
só em si, frio  
de invernos severos,  
a disfarçar seu desterro  
nas árduas conjugações  
e equações que sujam os cadernos  
entremeados de poesia.**

**Ó, eu chorando por mim na tarde úmida  
sob o véu comovido da chuva.**

**Minh'alma tinha palmeiras  
onde a ave do paraíso  
vinha cantar ladainhas  
para meu ser indeciso.**

**Minh'alma tinha palmeiras  
onde o demônio da vida  
também mandava seus pássaros  
cantar uma outra cantiga.**

**Minh'alma tinha palmeiras  
e vozes de céu e terra,  
desafiantes melodias  
que punham meu ser em guerra.**

**O sabiá do meu corpo  
desafiava o de minh'alma:  
meu ouvido era de terra  
e só um canto escutava.**

**Do Penedo da saudade  
lancei os olhos além.  
Sonho meu de eternidade  
com saudade rima bem.**

**Ô sombras das Torres de Anto  
dos choupais da beira-rio:  
que é dessas sombras que à tarde  
convosco se confundiam  
e ao ar as vozes erguiam  
e as mãos erguiam no ar?  
Sem saber por onde iam  
aonde iriam parar?**

**Ô capa preta, manto da noite  
enrolando-me os sonhos, ó pedras sábias  
que D. Diniz ergueu em templo  
à deusa ciência. Ô Coimbra,  
inteligência romântica de um País  
sentimental, fonte de santas heresias  
a pulsar para sempre  
nos corações que um dia  
na água de tua fonte os lábios jovens  
embriagaram.**

**Como entender o mundo? Mil verdades,  
sofismas, teorias salvadoras,  
braços erguidos, corações em chama,  
ululantes aplausos, punho erguido,  
bandeiras, brados. Árdua, a solidão  
de quem isento pára, isento pensa  
e procura a verdade sem facções  
como o náufrago busca  
a praia, a vida.**

**Ontem e hoje assim. Nos verdes  
adolescentes anos ou cinquenta:  
como entender o mundo?**

**Ó vida, minha deusa,  
por que me abandonaste  
no tempo desumano?  
Quando meu vizinho  
se curte do ódio  
do que estou pensando;  
quando cada rua  
em vez de vizinhos  
mão e mão se dando**

**facções inimigas  
na teia de intrigas  
vai multiplicando;  
e espões, delatores  
inventam suspeitas  
te denunciando;  
cada coração  
partido em partidos:  
ninguém é irmão.**

**Dindinha, Santoca, Juquinha, Nhanhá,  
paladar brasileiro do amor familiar  
reencontrado. Avó, mãe, tias  
mas um caminho só, a mesma  
sabedoria do amor materno multiplicado  
em fala e gesto,  
em banho de cheiro e bolo de tapioca,  
em reza e promessa,  
em conselho e zelo,  
em aviso de perigo e vigília noturna,  
em verdade ensinada e mentira protetora.**

**Os tios maduros de vida humanizada, os irmãos  
tão outros pelos efeitos do tempo.**

**E o pai severo.**

**À família reagrupada na metade do século  
e hoje tão dispersa sobretudo pela morte  
e os efeitos maléficos da ausência  
das matrizes que lhe eram seiva e alento.**

**Ô solidão sem retorno!**

**Meu mundo vivido lido, lido vivido,  
devoradamente consumido em milhentas  
páginas, meu segundo mundo  
que de tão nele inserido  
nem mais sabia (e sei?)  
qual o real ou irreal  
ou reais ambos,  
ambos irreais.**

**Ó páginas paisagens  
palpitando vidas  
a convidar-me que as vivesse!  
Em quantos me vivi  
a desviver a vida que eu vivia.  
Quanta vida aprendi vivendo a alheia  
vida inventada. Assim me envelheci  
tão precoce em meus dias:  
Sei de coisas e sei que nada sei.  
E do nada que sei me viverei!**

**E o que sei? De quanto vi, ouvi,  
li, senti, vivi, imaginei?**

**Que a terra cumpre seu ofício  
e a lua o seu ofício  
e o sol o seu ofício  
e o Homem, não.**

**Que cumpre seu ofício o chão  
ao germinar a planta  
e a ave quando voa e canta  
e o tempo de inverno e verão  
e o Homem, não.**

**Que cumpre seu ofício o mar  
nutrindo nossa fome, e o vento  
que enfuna a vela ao navegante intento;  
noite e dia em seu rito pendular.  
E o Homem, não.**

**Que exerce seu ofício natural  
tudo que pulsa ou não,  
é necessário ou vão,  
sangue ou metal.  
E o Homem, não.**

**A pedra, o pão, sol e luar,  
a água, a terra, o fogo, o ar  
cumprem, sendo o que são, seu plano.  
E o Homem: desumano.**

**Décadas de 40 e 50. Tempo  
de colher os sonhos com a mão  
e sentir seu gosto. Tempo  
de aprender por completo  
a sintaxe do sexo. E de exercer  
o direito de inventar amanhã  
com se o futuro  
pudesse ser moldado em barro  
por uns poucos oleiros.**

**Tempo de plantar  
as grandes amizades. Tempo  
do amor profundo e denso  
como um naufrágio fértil.**

**E tempo de mergulhar  
minhas raízes mais profundamente  
nesta salsugem  
de insular marinheiro  
na gávea dos sobrados  
e de impregnar o corpo de minha alma  
das dores tropicais  
da gente que se nutre  
de sua própria fome.  
Tempo de encontro com a Poesia,  
única humana salvação.**

**Tempo do primeiro livro alimentado  
na placenta de jovens angústias.  
E do primeiro filho em que me recém-nasci!  
Tempo de multiplicar-me: filhos,  
minhas manhãs,  
meus sinos, meus sábados de ressurreição,  
minhas aleluias, meus álibis e absolvições,  
excessivo pagamento da minha incompetência  
de operário da vida.**

**E também tempo  
de guerra fria, de Mundo  
partido em ódios, de terror atômico  
— espada do juízo final,  
imensa ave de rapina  
sobrevoando o Mundo.**

**(Apesar do calvário  
daquela cuja dor  
e despedida  
a todos nos crucificou  
para sempre. E por quem  
tanto de mim morri**

**que para sempre  
em mim, dentro de mim,  
meus sinos dobram).**

**E outros sinos dobram  
sobre estas vidas podres  
que se espraiam  
neste colar de palafitas:  
a renda da miséria  
a enfeitar de protestos  
a próspera cidade  
dos que lucram e comem.**

**E meus olhos  
com a miopia das lágrimas  
desta amarga paisagem  
buscando divisar,  
para além da falência  
de verbosas falácias  
de entronados pavões,  
o tempo em que os humildes  
possam ser exaltados  
e os pobres não sejam  
só no reino dos céus  
os bem-aventurados.**

**Por que a morte pequenina,  
por que a sorte assim mofina,  
por que a palavra ferina?  
Por que?**

**Por que o gesto que castiga  
e a solidão que fustiga,  
desamor que desabriga,  
por que?**

**Por que a angústia de quem come  
só a solidão e fome  
e outras tragédias sem nome?  
Por que?**

**Por que a laranja da vida  
pela mão geral colhida  
desigualmente partida?  
Por que?**

**Ó quanto de mim morto  
nos vietnãs da Ásia  
e da minha alma  
e de minha cidade  
e minha pátria.**

**Ó século sessentão e setentão,  
rio de tempo lamacento  
de angústias e de túmulos sem cruzes  
e de corpos boiando suas fomes  
e sonhos no sepúlcro do silêncio,  
rio que me navega  
e que navego  
sem âncora nem porto.**

**Ó rio de estagnadas águas sujas  
onde florescem os piores ontens  
travando guerra com as águas limpas  
dos amanhãs brotando em fontes  
de lágrimas e dores  
tão puras como a melodia beatle  
e o canto dos sabiás sobre as palmeiras.**

**Viajei tão longe, corri tais caminhos  
de mim mesmo e alheios, gerais e vizinhos,**

**chego ao fim de mim sem achar começo  
que já me procuro pelo meu avesso**

**e mais avesso fico de quanto me cerca  
e só sou achado quanto mais me perca;**

**sinto-me um navio que saiu do porto  
e se perdeu sem bússula no grande mar morto**

**sem vento nem vela sem rumo que leve  
a roteiro seguro por caminho breve;**

**só, breve e seguro, vejo que naufrago  
no mar de mim mesmo, profundo e amargo.**

**E os agoras?**

**Em tanta coisa má**

**iguais a outroras:**

**a multiplicação de pão e fome,**

**muito mais numerosa a solidão,**

**a praga da injustiça e a garra adunca**

**do ódio vicejando como nunca**

**e o homem lobo — rei dos animais —**

**devorando os iguais.**

**E em cada esquina**

**a palavra ou arma**

**assassina.**

**E em cada beco,**

**a palavra ou arma**

**de medo.**

**E em cada porta,**

**a angústia de bater**

**sem resposta.**

**E em cada coração,**

**a expectativa**

**do não.**

**E em cada boca,  
o hálito do amor  
sem outra.**

**E em cada olhar,  
mensagens que não vão  
chegar.**

**E nos braços,  
a cruz de nossos  
calvários.**

**E em cada gesto,  
o temor do outro  
funesto.**

**Ó meus 18 mil dias e noites:  
que tempo breve, que infinito tempo  
e quantos amanhãs tornados ontens,  
quantos sonhos tornados obsoletos  
e a herança só de filhos e sonetos.**

**Ó que magníficas derrotas  
contra a náusea de pérfidas vitórias,  
quantas partidas para o só regresso,  
quantos sonhos tornados obsoletos  
e a herança só de filhos e sonetos.**

**Quanta paixão sem lenitivo,  
quanta dor sem perdão e alívio,  
quanta esperança sem motivo,  
quantos sonhos tornados obsoletos  
e a herança só de filhos e sonetos.**

**Mas também certa melodia  
de palavra e intenção amiga,  
raro afago à minha fadiga  
enriquecendo sonhos obsoletos  
e a herança só de filhos e sonetos.**

**Ora, nem tudo foi em vão  
se fiz a dor florir canção,  
se, de meus sonhos obsoletos,  
pobre, só filhos e sonetos,  
fiz música em teu coração.**

**É preciso viver quando se é vivo.**

**E para se ser vivo**

**— vivo ser —**

**é urgente a cada dia renascer**

**do ventre da mãe-vida**

**mesmo para ser cristo**

**nas mangedouras desta natureza**

**e humanidade poluída.**

**E assim, recém-nascido,**

**viver em cada dia**

**o tempo e o modo de uma vida.**

**Sem se deixar  
deslumbrar  
com as manhãs,  
porque anoitece.**

**Sem se deixar  
anoitecer,  
porque amanhece.**

**E, em meio a tantas noites,  
guardar em si um sol  
para ver e cantar  
e sofrer e sonhar  
e ajudar a plantar  
as manhãs de amanhã  
quando o Homem  
qual a árvore e o inseto  
se cumpra  
em seu projeto.**

**O menino  
de 50 anos contempla  
o menino de 20 anos  
que contempla  
o menino de 8 anos  
que contempla  
o recém-nascido.**

**Qual o recém-nascido  
se viver  
não é sobreviver  
mas conseguir nascer  
das próprias mortes?**

**Foi um tempo de morte  
mas continuo vivo.**

**Urge, então:  
recemnascer,  
reandar, reaprender,  
resofrer, recantar,**



Mãe entre tuas minhas dores,  
esta recem nascendo  
não esqueças o máe em meus olhos  
para o alicac dom de per  
ainda que se ja a morte.  
o poema não morre.  
o timor não morre.

**rever, ressonhar,  
recompreender,  
reesquecer e lembrar,  
reser e reviver!**

**Passo a passo  
no compasso  
do passo menino:  
redar a mão a quem ensina o passo,  
reouvir quem ensina a música palavra,  
refazer gestos espelho de gestos  
e me reinventar  
reinventando a vida.**

**Mãe, entre tuas-minhas dores,  
teu antigo menino  
está recém-nascendo.  
Não esqueças o limão em meus olhos  
para o ácido dom de ver  
ainda que seja a morte:**

**O poema não morre.  
O amor não morre.**

**São Luis, janeiro 1977**